Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 16 – n. 3 ISSN 2238-8060
DOSSIÊ TEMÁTICO - Línguas ameaçadas: Documentação, descrição, análise, revitalização e ensino
ARTIGO

DESCRIÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA DAS LÍNGUAS PANO

PHONETIC-PHONOLOGICAL DESCRIPTION OF THE PANOAN LANGUAGES

Revista dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO
Submissão do trabalho: 8/07/2025
Aprovação do trabalho: 18/09/2026
Publicação do trabalho: 20/11/2026

Thamires Soares Silva
thamiressoaressilva926@gmail.com
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Michele Calil dos Santos Alves
michelecalil@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro

COMO CITAR
SOARES SILVA, Thamires; CALIL DOS SANTOS ALVES, Michele. DESCRIÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA DAS LÍNGUAS PANO. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 52–69, 2026. Disponível em: https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/1020.

Resumo

O objetivo principal deste artigo é descrever sob o ponto de vista fonético-fonológico as línguas da família Pano faladas no estado do Acre, Brasil. Busca-se comparar as semelhanças e diferenças fonético-fonológicas entre essas línguas e verificar controvérsias e lacunas na literatura que apontem para futuras pesquisas. Trata-se de uma metodologia de abordagem qualitativa a partir de uma pesquisa bibliográfica de trabalhos que apresentam uma descrição fonético-fonológica dessas línguas. Foram coletados dados de cinco línguas, a saber: jaminawa, shanenawa, yawanawá, noke koĩ (katukina) e shawãdawa (shawã). Os resultados apontam que apesar das semelhanças entre essas línguas, há algumas particularidades a serem destacadas. O jaminawa possui um inventário fonêmico consonantal menor; a vogal /ɨ/ não pertence ao seu quadro de fonemas vocálicos, enquanto a vogal /ɜ/ ocorre exclusivamente nessa língua. Verificou-se também que apenas o yawanawá não possui as consoantes /t/, /ɾ/, /s/. Com relação às aproximantes [w] e [j], em shanenawa e noke koĩ elas são fonêmicas; em shawãdawa (shawã), elas são apenas fonéticas; e em jaminawa e yawanawá, elas podem receber ambas as classificações a depender de sua posição na sílaba. Finalmente, as línguas jaminawa e yawanawá não utilizam a consoante [ʔ] em final de sílabas leves, pois admitem que suas sílabas terminem em vogais, ao contrário do shanenawá, noke koĩ (katukina) e shawãdawa (shawã). Quanto as controvérsias e lacunas a serem preenchidas na literatura, destacou-se a nasalidade nessas línguas. Ressalta-se a carência de estudos em línguas indígenas, sobretudo dedicadas à fonética e fonologia nas línguas Pano faladas no Acre.

Palavras-chave: descrição de línguas indígenas; Família Pano; Fonética e Fonologia.

Abstract:

The main aim of this research paper is to describe, from a phonetic-phonological perspective, the languages of the Panoan family spoken in the state of Acre, Brazil. This research seeks to compare the phonetic-phonological similarities and differences among these languages and to identify controversies and gaps in the literature that point toward future research. The study employs a qualitative methodological approach based on a literature review of works presenting phonetic-phonological descriptions of these languages. Data were collected on five languages: Jaminawa, Shanenawa, Yawanawá, Noke Koĩ (Katukina), and Shawãdawa (Shawã). The results indicate that, despite similarities among these languages, there are certain distinctive features worth highlighting. Jaminawa has a smaller consonantal phoneme inventory; the vowel /ɨ/ is absent from its vowel system, whereas the vowel /ɜ/ occurs exclusively in this language. It was also found that Yawanawá is the only language among them that lacks the consonants /t/, /ɾ/, and /s/. Regarding the approximants [w] and [j], they are phonemic in Shanenawa and Noke Koĩ; they are merely phonetic in Shawãdawa (Shawã); and in Jaminawa and Yawanawá, they can be classified as either, depending on their position within the syllable. Finally, Jaminawa and Yawanawá do not use the consonant

[ʔ] at the end of [ʔ] at the end of light syllables—allowing syllables to end in vowels—unlike Shanenawa, Noke Koĩ (Katukina), and Shawãdawa (Shawã). Regarding controversies and gaps in the literature, the issue of nasality in these languages stands out. The study underscores the scarcity of research on Indigenous languages, particularly regarding the phonetics and phonology of Panoan languages spoken in Acre.

Keywords: indigenous languages description; Panoan family; Phonetics and Phonology.

Introdução

Segundo o IBGE, no Acre, estão localizadas 35 Terras Indígenas (doravante TIs), que correspondem a 14,56% de todo o território do estado. Nessas terras indígenas, residem povos originários de 15 etnias: Jaminawa, Manxineri (Manxineru), Huni Kuĩ (Kaxinawá), Madija (Kulina), Ashaninka, Shanenawa, Yawanawá, (Katukina do Acre), Kuntanawa, Jaminawa-Arara, Apolima-Arara, Shawãdawa, Puyanáwa, Nukini, Nawa e os povos em isolamento voluntário ou de recente contato.

As línguas indígenas faladas no Acre pertencem a três famílias linguísticas diferentes – Pano, Arawak e Arawá – sendo a maioria pertencente à família Pano. Segundo Matos (2009) e Aguiar (2018), as línguas Pano acreanas são as seguintes: jaminawa, kuntanawa, hãtxa kuĩ, shanenawa, yawanawá, katukina, shawãdawa, puyanáwa e nukini. As línguas da família Arawak no Acre são: manxineri, apurinã e ashaninka. Madija (Kulina) é a única língua Arawá falada no Acre. Segundo Aguiar (2018), há línguas Pano também faladas no Amazonas e Rondônia, e em países que fazem fronteira com esses estados como Bolívia e Peru.

De acordo com Aguiar (2018), a classificação das línguas da família Pano ainda é muito prematura devido a precariedade do conhecimento que se tem dessas línguas e dos seus grupos, sobretudo em razão de sua dinâmica populacional, uma vez que é muito comum grupos diferentes habitarem nas mesmas aldeias devido aos conflitos da região e a cultura de rapto de mulheres e crianças entre diferentes povos que existia no passado. Além disso, são muitos os etnônimos atribuídos aos grupos indígenas acreanos, alguns dados por não indígenas, o que também dificulta o trabalho de identificação e classificação das línguas, segundo a autora. Soma-se a isso o fato das TIs onde se falam as línguas Pano serem localizadas em áreas de difícil acesso na floresta, chegando de sete a nove dias de barco em alguns casos.

Segundo Souza (2002), os indígenas acreanos só começaram a ter contato com outras populações a partir da segunda metade do século XIX, período em que havia cerca de 150 mil indígenas na região. Por volta de 1870, a corrida da borracha incentivou a migração populacional de não indígenas de todos os lugares do Brasil, sobretudo do Nordeste, e até de outros países do mundo. Devido à exploração do látex nas florestas, houve muitos confrontos, massacres e escravização dos indígenas. A mortalidade da população indígena foi muito grave também devido às doenças transmitidas pelos seringueiros.

A extinção de uma língua indígena é um dano irreparável. De acordo com Rodrigues (2018, p.

193), "(...) muito conhecimento sobre as línguas e sobre as implicações de sua originalidade para o melhor entendimento da capacidade humana de produzir línguas e de comunicar-se ficará perdido para sempre com cada língua indígena que deixa de ser falada". Sendo assim, esta pesquisa justifica-se pela urgência em se estudar as línguas indígenas brasileiras, em especial as línguas Pano faladas no Acre, dada a sua diversidade e a necessidade de mais estudos sobre esta família no Brasil, contribuindo em última instância para a preservação e revitalização dessas línguas.

O objetivo principal do presente artigo é descrever as línguas indígenas Pano faladas no Acre sob o ponto de vista fonético-fonológico. Já os objetivos específicos são: comparar as semelhanças e diferenças fonético-fonológicas entre essas línguas e verificar controvérsias e lacunas na literatura que apontem para futuras pesquisas na área.

Esta pesquisa possui abordagem qualitativa através de uma pesquisa do tipo bibliográfica, que consistiu, primeiramente, de um levantamento realizado no *Google* de dissertações de mestrado, teses de doutorado, livros publicados na área, gramáticas e artigos científicos em português de descrição fonético-fonológica das línguas Pano faladas no Acre. Isto permitiu um levantamento de pesquisas em três línguas: jaminawa, yawanawá e katukina. Já na etapa de revisão do presente artigo, os pareceristas anônimos indicaram publicações sobre o shanenawa e shawãdawa. Foram priorizados os trabalhos mais recentes nas línguas, a partir dos anos 2000. Após esta seleção, iniciamos o processo de análise de dados. O foco foi identificar padrões linguísticos recorrentes e possíveis lacunas nas descrições fonético-fonológicas das línguas. Essa análise nos permitiu não só classificar os fenômenos que seriam mais relevantes para este artigo, mas também nos ajudou a identificar as áreas que carecem de mais estudos.

1 Contexto geográfico, cultural e linguístico

As línguas Pano, bem como todas as línguas indígenas, enfrentam desafios em relação ao declínio do número de falantes e, consequentemente, risco de extinção em função de fatores extraculturais, como o contato com comunidades não indígenas e perda de território.

Segundo Souza (2017), a maior parte dos Jaminawa aldeados ocupam as TIs da Cabeceira do Rio do Acre, localizada no município de Assis Brasil, e na Terra Indígena (doravante TI) Mamoadate, localizada nos municípios de Assis Brasil e Sena Madureira. Ainda conforme o autor, há Jaminawas espalhados em outras TIs não demarcadas pela União e até mesmo residindo na capital, Rio Branco. De acordo com dados do Sistema de Informação da Atenção da Saúde Indígena (SEASI) e da Secretaria de Saúde Indígena (SESAI), disponibilizados no *site* Povos Indígenas do Brasil, a população Jaminawa do Brasil contava com cerca de 1454 indígenas em 2014. Para um antigo cacique e outros informantes, é complicado realizar o censo da população Jaminawa por conta de os indígenas irem sempre de uma aldeia à outra e por alguns viverem de forma mais afastada, às margens dos rios. Ainda de acordo com o mesmo site, os anciões conhecem muito pouco o português, enquanto a maior parte da população é bilíngue.

Segundo o SEASI/SESAI, em 2020, 769 indígenas da etnia Shanenawa habitavam na TI Katukina/Kaxinawa, às margens do rio Envira, no município de Feijó. Conforme o *site* Povos Indígenas do Brasil, os Shanenawa foram confundidos com os Katukina e por isso receberam uma TI com este nome. Atualmente, os Shanenawa são reconhecidos como um povo independente dos Katukina. De acordo com o *site*, a língua shanenawa é falada sobretudo pelos anciãos, e embora as crianças e os jovens entendam os mais velhos falando em shanenawa, preferem conversar em português. Nota-se, no entanto, movimentos de alguns jovens, que aliados aos mais velhos, procuram comunicar-se sempre em shanenawa, como uma forma de manutenção da identidade do povo.

Os indígenas do povo Yawanawá residem em grande parte no município de Tarauacá, Acre. Os Yawanawá aldeados ocupam a TI Rio Gregório, compartilhando-a com os Katukina da aldeia de Sete Estrelas. Conforme o SEASI/SESAI, a população do Yawanawá do Brasil era de 849 em 2020. De acordo com o *site* Povos Indígenas do Brasil, o yawanawá possui um alto nível de inteligibilidade com outras línguas Pano como o shanenawa, o jaminawa e o shawãdawa, por exemplo. Segundo o *site*, os anciões utilizam preferencialmente a língua indígena. Já entre as crianças e pessoas mais novas, há diferentes situações a depender da família a que pertencem: aqueles bilíngues; aqueles que dominam o português, mas entendem a língua indígena sem falá-la; e aqueles que são monolíngues em português. Grande parte dos Yawanawá fala o português e demonstra preocupação com a conservação da língua indígena.

Os dados do SEASI/SESAI mostram que os Katukina do Acre somavam 1154 em 2014. De acordo com o *site* Comissão Pró-Indígenas do Acre, o grupo denominado pelo governo de Katukina não mais se autodenomina assim, preferindo ser identificado como Shanenawa, como mencionado anteriormente, ou ainda como Noke Koĩ. Segundo o site, os Noke Koĩ residem na TI do Rio Gregório, no município de Tarauacá e na TI Campinas/Katukina, localizada nos municípios de Cruzeiro do Sul e Tarauacá. Conforme o *site* Povos Indígenas do Brasil, todos os Noke Koĩ falam a língua indígena entre si, enquanto o português é usado exclusivamente para interagir com os não-indígenas, sendo menos da metade da população fluente em português.

Segundo a Comissão Pró-Indígenas do Acre, em 2020, havia 532 Shawãdawa residindo na TI Arara do Igarapé Humaitá, localizada nos municípios de Porto Walter e Tarauacá; e na TI Jaminawa Arara do Rio Bajé, localizada nos municípios de Jordão, Marechal Thaumaturgo e Tarauacá, ambas no alto rio Juruá. Os indígenas que residem nesta última TI são conhecidos como Jaminawa-Arara. Porém, os dois grupos falam a língua Shawã. Os Shawãdawa também são conhecidos como povo Arara. De acordo com o *site* do Projeto de Documentação de Línguas Indígenas (PRODOCLIN), quase todos os Shawãdawa falam o português e poucos compreendem ou falam a língua Shawã, cujos falantes são, na maioria, já idosos. No entanto, muitos esforços de revitalização da língua e da cultura têm sido realizados, como projetos de registro e documentação e a implementação do ensino bilíngue nas escolas indígenas.

2 Descrição fonético-fonológica

O Quadro 1 elenca os trabalhos em português contendo descrições fonético-fonológicas das línguas Pano faladas no Acre que foram considerados basilares para o presente artigo.

Quadro 1: Trabalhos considerados basilares para o presente artigo.

Língua	Ano	Tipo	Título	Autor
Jaminawa	2013	Dissertação de mestrado	Fonética e Fonologia do Jaminawa do Brasil (Pano)	Agmar Alves Cruvinel
Shanenawa	2004	Tese de doutorado	Descrição Morfossintática da Língua Shanenawa (Pano)	Glaucia Vieira Cândido
Yawanawá	2004	Tese de doutorado	A Língua dos Índios Yawanawa do Acre	Aldir Santos de Paula
	2013	Dissertação de mestrado	Fonologia, Morfologia e Sintaxe das Expressões Nominais em Yawanawá (Pano)	Livia de Camargo Silva Tavares de Souza
Noke Koĩ (Katukina)	2003	Artigo científico	A nasalidade em Katukina e em outras línguas pano	Maria Suelí de Aguiar
	2015	Artigo científico	Fonêmica Preliminar da Língua Katukina (Páno)	Flávia Leonel Falchi e Maria Suelí de Aguiar
Shawãdawa (Shawã)	2012	Tese de doutorado	Aspectos de uma Gramática Shawã (Pano)	Emerson Carvalho de Souza

Fonte: elaboração própria (2026)

As descrições fonético-fonológicas das línguas jaminawa, shanenawa yawanawá, katukina e shawãdawa serão realizadas a seguir apresentando os inventários vocálicos e consonantais fonológicos de cada uma das línguas, além de apresentar brevemente seus padrões silábicos e de acentuação.

Jaminawa

Conforme Cruvinel (2013), 11 consoantes foram confirmadas fonologicamente através do Contraste em Ambiente Idêntico (CAI) e do Contraste em Ambiente Análogo (CAA)[1], conforme o Quadro 2. Não foram incluídos neste quadro as consoantes nasais, pois, segundo Cruvinel, ainda precisam de mais estudos.

Quadro 02: Fonemas consonantais do jaminawa

[1] O contraste em Ambiente Análogo consiste na formação de pares de palavras que acontecem em contextos semelhantes, mas possuem diferenças segmentais.

	Labial	Alveolar	Palato-Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p b	t d			k	
Tepe		ɾ				
Fricativa		s	ʃ			h
Africada		ts	tʃ			
Glide	w			j		

Fonte: Cruvinel (2013)

Uma das consoantes que possui uma distribuição singular é [k], ocorrendo em posição inicial, medial e final de palavra, antecedendo [i], [a], [o] e [u]; e antes de [ɜ] e [ɐ̃], como em (1), apenas em sílaba inicial (Cruvinel, 2013).

(1) [**k**ɐ̃jo'**k**i] ~ [**k**ɜju'**k**i] 'morder'

O quadro fonológico do jaminawa possui 4 vogais, confirmadas através de análises feitas por meio do critério de CAI e variação livre, como mostra o Quadro 3 (Cruvinel, 2013).

Quadro 3: Fonemas vocálicos do jaminawa

	Anterior	Central	Posterior
	Não-arredondado		Arredondado
Alta	i		u
Média		ɜ	
Baixa		a	

Fonte: Cruvinel (2013)

Cruvinel (2013) aponta que neste inventário não estão inclusas as vogais longas uma vez que até o presente momento não foram encontrados indícios ou estudos sobre a duração das vogais nessa língua.

De acordo com Cruvinel (2013), foram encontrados glides - [w] e [j] – nos dados fonéticos do jaminawa, ambos podendo ocupar posição de ataque ou coda. Já sob o ponto de vista fonológico, não há ditongos em jaminawa; já que nessa língua as sequências de vogais podem constituir duas sílabas separadas, como os exemplos em (2), ou sílabas únicas, como os exemplos em (3), a depender das posições na sílaba – nuclear ou não-nuclear, respectivamente.

(2) a. /**ui**/ 'chuva' [V.V]
b. /**ia**/ 'piolho' [V.V]
c. /ɾ**uɜ**/ 'pedra' [CV.V]

(3) a. /**wa**ɾi/ 'sol' [CV.CV]
b. /**aw**i/ 'mulher' [V.CV]
c. /ʃ**aw**/ 'osso' [CVC]

O acento em Jaminawa sempre recai na última sílaba, assim como nas demais línguas Pano, e

sendo algo previsível, não necessitaria de representação fonológica. Já em palavras compostas, o acento da palavra primitiva à esquerda do composto é mantido como secundário, como em (4).

(4) [wi'bi] + ['ʃu] => [wi ˌbi'ʃu]

Shanenawa

Cândido (2004) identificou 14 fonemas consonantais, verificados através de ambientes idênticos ou análogos, como mostra o Quadro 4. Segundo o autor, todas as consoantes podem ocupar a posição de ataque nas sílabas, mas apenas uma por vez. Não foram encontradas sílabas CCV.

Quadro 4: Fonemas consonantais do shanenawa

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Alveopalatal	Retroflexo	Palatal	Velar	Uvular	Glotal	Labiovelar
Oclusiva	p		t				k			
Nasal	m		n							
Tepe			ɾ							
Fricativa		f	s		ʂ				h	
Africada			ts	tʃ						
Aproximante						j				w

Fonte: adaptado de Cândido (2004)

Quanto aos glides /j/ e /w/, não há restrições desses fonemas em coda, podendo ocupar coda interna ou em final de palavras (Cândido, 2004), conforme os exemplos (5) e (6) respectivamente.

(5) a. CVG.CV [p**ɨj**'tiʔ] 'dinheiro'
b. CVG.CV [tsa**w**'tiʔ] 'banco de sentar'

(6) a. CVG ['p**ɨj**] 'pena', 'folha'
b. CVG ['sa**w**] 'osso'

Cândido (2004) registrou 4 fonemas vocálicos a partir de pares mínimos ou análogos, como ilustra o Quadro 5.

Quadro 05: Fonemas vocálicos do shanenawa

	Não-arredondado				Arredondado	
	Oral	**Nasal**	**Oral**	**Nasal**	**Oral**	**Nasal**
Alta	i		ɨ		u	
Média-alta						
Média-baixa						
Baixa			a			

Fonte: adaptado de Cândido (2004).

Segundo Cândido (2004), qualquer vogal do shanenawa pode ocupar a posição de núcleo

silábico.

Uma restrição fonotática da língua, visível nos exemplos (5), é que as sílabas finais não podem terminar em vogal, isto é, em V ou CV. Os fonemas que ocupam a posição de coda final são as seguintes consoantes: /j/, /w/,/N/ou /ʂ/ como os exemplos em (6-8) respectivamente. Quando nenhuma das opções anteriores é possível, o fechamento da sílaba se dá com a glotal [ʔ], como em (5), que funcionaria como um arquifonema das oclusivas ou um alofone de todos os fonemas permitidos na posição de coda final. E uma vez que não é responsável por distinção de significados na língua, é considerada apenas nas transcrições fonéticas. Já o /ʂ/ é encontrado apenas no sufixo -aʂ, marcador de *switch-reference*[2] ou outras referências entre sentenças. Este sufixo apaga sujeitos correferentes de verbos intransitivos, como exemplificado em (8).

(7) /ina**N**/ 'dar'
(8) fakɨhu-ɸ itʃu-a-**aʂ**, paki-a, sian-a-ki
menino-ABS correr-PAS-SR(SI) cair-PAS chorar-PAS-DECL
'O menino correu, caiu e chorou.'

Já para a coda interna, é permitido o mesmo conjunto de fonemas de coda final como os exemplos em (5) e em (9a-b), além do /s/, como no exemplo (9c) (Cândido, 2004).

(9) a. /i**ʂ**kiN/ 'peixe'
b./ni**N**ka/ 'escutar'
c. /pu**s**tu/ 'barriga'

Com relação ao acento de intensidade, este recai sempre na última sílaba das palavras em shanenawa (Cândido, 2004).

Yawanawá

Segundo Paula (2004), o yawanawá possui 15 consoantes fonológicas, conforme o Quadro 6.

Quadro 6: Consoantes do yawanawá

	Labial	**Lábio-dental**	**Alveolar**	**Retroflexa**	**Palatal**	**Velar**	**Glotal**
Oclusiva	p		t			k	
Fricativa	β		s	ʂ	ʃ		h
Africada			ts		tʃ		
Tepe			ɾ				
Nasal	m		n				
Aproximante	w				j		

[2] *Switch-reference* é um mecanismo usado por muitas línguas do mundo para marcar orações que possuem os mesmos sujeitos ou não. Trata-se de um processo de referenciação de sujeitos (Cândido, 2004).

Fonte: Paula (2004)

Segundo Paula (2004), a consoante /β/ alterna livremente para [f]. No entanto, Carmargo-Souza (2013) revela que isto apenas ocorre quando /β/ sucede uma consoante fricativa em coda silábica, como em (10a). Já as consoantes [n] e [ŋ] funcionam em distribuição complementar, sendo a segunda ocorrendo antes de [k], como o exemplo em [10b], e a primeira nos demais ambientes, como exemplificado em (10c).

(10) a. [a**ʂ**.ˈ**f**a] 'boca'
b. /ɾanˈtunku/ [ɾanˈtuŋku] 'joelho'
c. /βaˈtanti/[βaˈta**nt**i] 'sal'

Fonologicamente, o yawanawá possui quatro vogais orais, conforme descrito no Quadro 7. Segundo Paula (2004), a vogal /u/ pode apresentar-se como [u] ou [o], em variação livre, sendo [u] mais natural e com maior distribuição.

Quadro 07: Vogais do yawanawá.

	Anterior	**Central**	**Posterior**
Alta	i	ɨ	u
Média			
Baixa		a	

Fonte: Paula (2004)

Diferentemente de Paula (2004), Carmargo-Souza (2013) mostra que no yawanawá a duração das vogais possui caráter distintivo, podendo distinguir o significado das palavras e, por isso, trata-se de uma propriedade fonológica da língua como em (11).

(11) a. [ã.ˈn**a**ː] 'língua'
b.[ã.ˈn**a**] 'açacu'

Paula (2004) considera que glides e vogais fazem parte do conjunto dos vocoides da língua, já que o que é determinante é sua posição na sílaba: ataque/coda (glide) ou núcleo (vogal). Carmargo-Souza (2013) afirma que /a/ e /ɨ/ são sempre núcleos silábicos, e quando adjacentes a outro núcleo, projetam outra sílaba. Considera-se /i/ e /u/ como núcleos silábicos se forem longas ou se sucederem uma consoante. Já se forem curtas ou adjacentes a uma vogal nuclear, são tratadas como aproximantes. Foram encontradas onze sequências vocálicas no yawanawá, como mostram os exemplos em (12):

(12) a. **ai** [sa.ˈp**aj**] 'perereca'
b. **ia** [p.ˈ**a**] 'flecha'

c. **ai** [t**a**.ˈ**i**] ‘pé’
d. **ia** [n**i**.ˈ**a**] ‘jacamim’
e. **ii** [p**i**.ˈ**i**] ‘folha’
f. **au** [ˈt**aw**] ‘paxiúba’
g. **ua** [**wa**.ˈka] ‘água’
h. **iu** [ˈ**i**:.**u**] ‘jia’
i. **ui** [ni.ˈ**wi**] ‘vento’
j. **iu** [**ju**.ˈma] ‘peixe’
k. **ui** [t**uj**.ˈku] ‘macaco prego’

Paula (2004) defende que o Yawanawá atribui o acento na última sílaba. Porém, Carmargo-Souza (2013) defende que no Yawanawá, há uma tendência de formação de pés[3] iâmbicos (com proeminência acentual à direita) com acentuação recaindo no primeiro pé completo da direita para a esquerda. No caso de trissílabos, o acento não recai na última sílaba, porque o pé não se apresenta como completo. Assim, a autora estabelece uma relação entre o peso silábico e a acentuação na língua. Um dos exemplos é que quando [i] e [u] precedem um núcleo, não afetam o peso silábico, porém ao sucederem um núcleo, projetam uma mora e tornam a sílaba pesada. Isto faz com que se assemelhem a vogais longas, formando um pé e recebendo acento.

Noke Koĩ (katukina)

Falchi e Aguiar (2015) considera que o quadro fonológico de consoantes da língua Katukina Pano possui 14 fonemas consonantais, conforme o Quadro 8.

Quadro 8: Fonemas consonantais do Katukina

	Bilabial	**Dental**	**Alveolar**	**Retroflexo**	**Alveopalatal**	**Palatal**	**Velar**
Oclusivo	p	t			tʲ		k
Nasal	m	n				ɲ	
Tepe			ɾ				
Africado			ts				
Fricativo			s	ʂ	ʃ		
Aproximante	w					j	

Fonte: Falchi e Aguiar (2015)

Conforme Falchi e Aguiar (2015), todos os fonemas consonantais foram encontrados na posição pré-vocálica, já a posição pós-vocálica pode ser ocupada pelo arquifonema nasal /N/ e por /s, ʂ, ʃ, w, j/, como nos exemplos em (13).

(13) a. /pa.tu**N**/ ‘piau’
b. /tʲu**s**.tʲa.ma/ ‘limpo’

[3] “Um pé é um constituinte métrico, que apresenta um pico de proeminência acentual e um vale, sendo que a ocorrência deste último elemento não é obrigatória.” (CARMARGO-SOUZA, 2013, p. 70).

c. /sɨ.ku**ʂ**/ ‘?’
d. /ta.pu**ʃ**.ku/ ‘tornozelo’
e. /ʃa.pa**w**.ma/ ‘amanhã’
f. /ma**j**.ti/ ‘chapéu’

A partir de pares mínimos ou análogos, e distribuição complementar ou variação livre, o quadro fonológico das vogais no noke koĩ possui 4 fonemas vocálicos, todos orais, como mostra o Quadro 9 (Falchi e Aguiar, 2015).

Quadro 9: Vogais fonológicas do Katukina.

	Anterior	**Central**	**Posterior**
	Não-arredondado	**Não-arredondado**	**Arredondado**
Muito fechado	i	ɨ	u
Muito aberto		a	

Fonte: adaptado de Falchi e Aguiar (2015)

Na posição de núcleo silábico, todas as vogais da língua foram identificadas, de acordo com Falchi e Aguiar (2015). Barros (1987) considera [w] e [y] como semivogais, podendo formar ditongos crescentes ou decrescentes, como em (14). Já Aguiar (1994), considera-os como semiconsoantes, pois se comportam como consoantes na estrutura silábica, considerando assim os chamados ditongos orais crescentes como uma estrutura silábica CV (consoante + vogal) e os decrescentes como uma estrutura CVC (consoantes + vogal + consoante), sendo interpretado como VC.

(14) a. Ditongo crescente: [**wa**ˈaʔ] ‘roçado’
b. Ditongo decrescente: [**aw**ˈaʔ] ‘anta’

Nota-se que a consoante oclusiva glotal [ʔ] aparece apenas no final da última sílaba das palavras em noke koĩ quando a posição pós-vocálica não foi ocupada, como mostram os exemplos (15a-b). Houve apenas uma ocorrência, segundo Falchi e Aguiar (2015) desta consoante no final de sílaba inicial, em (15c).

(15) a. /puna/ [pʊˈɳaʔ] ‘azul’
b. /uʂi/ [ʊˈʂeʔ] ‘lua’
c. /nijti/ [ɳjʔˈʈe] ‘caçar’

A maioria das palavras em noke koĩ possui duas sílabas, mas há também muitas palavras com três e quatro sílabas. Quanto à acentuação, geralmente recai na última sílaba, mas foram observadas palavras com três sílabas cujo acento era na penúltima sílaba. Deve-se mencionar que o noke koĩ não possui acento distintivo, não sendo, portanto, marcado fonologicamente (Falchi e Aguiar, 2015).

Shawãdawa (shawã)

Souza (2012) verificou 14 fonemas consonantais, conforme o Quadro 10. Os fonemas foram testados em pares mínimos ou análogos.

Quadro 10: Fonemas consonantais no shawãdawa.

	Bilabial	**Labiodental**	**Alveolar**	**Alveopalatal**	**Retroflexo**	**Palatal**	**Velar**
Oclusiva	p b	t d					k
Nasal	m		n				
Tepe			ɾ				
Fricativa		f		s	ʂ	ʃ	
Africada			ts	tʃ			

Fonte: Souza (2012)

Souza (2012) constatou que a palatal [c] e a uvular [q] estão em distribuição complementar com a velar [k], sendo as primeiras realizadas antes de vogais anteriores e posteriores, como em (16a-b) e a segunda nos demais ambientes, como em (16c-d). Elas foram, então, consideradas como alofones do fonema /k/.

(16) a. [**ci**ˈʃiʔ] /ki ˈʃi/ ‘coxa’ (parte do corpo)
b. [**qu**ʃ ˈquʔ] /kuʃ ˈku/ ‘urubu’
c. [vaˈ**ka**ʔ] / vaˈka / ‘água’
d. [va**ki**ˈhuʔ] /vakɨˈhu/ ‘menino’

Já a nasais palatal [ɲ], velar [ŋ] e uvular [N] estão em distribuição complementar com a alveolar [n], sendo as primeiras realizadas antes das oclusivas palatal [c], velar [k] e uvular [q] e a última nos demais ambientes (Souza, 2012). Sendo assim, foram considerados como alofones do fonema /n/, como em (17).

(17) a. [pahi**ɲ**ˈ**ci**ʔ] /pahinˈki/ ‘orelha’
b. [ti**ŋ**ˈ**k**aʔ] /tinˈka/ ‘escutar’
c. [rutu**N**ˈ**q**uʔ] / rutunˈku/ ‘joelho’

Para Souza (2012), a glotal [ʔ] não foi tratado como fonêmica, pois funciona apenas como epêntese em final de sílabas abertas, dada uma restrição do Shawã que impede sílabas acentuadas leves. Por sua vez, segundo o autor, a fricativa lábio dental vozeada [v] e a desvozeada [f] alternam em início de palavra em variação livre, como exemplificado em (18).

(18) a. [**v**aˈkaʔ] ‘água’
b. [**f**aˈkaʔ] ’água

A partir de testes por contraste em ambientes idênticos ou análogos, Souza (2012) encontrou 4 fonemas vocálicos, como mostra o Quadro 11.

Quadro 11: Fonemas vocálicos no Shawãdawa

	Anterior		**Central**		**Posterior**	
	Não-arredondado				**Arredondado**	
	Oral	**Nasal**	**Oral**	**Nasal**	**Oral**	**Nasal**
Alta	i		ɨ		u	
Média-alta						
Média-baixa						
Baixa			a			

Conforme os exemplos (19), as vogais [u] e [o] ocorrem em variação livre, em fim de palavra (Souza, 2012).

(19) a. [tap**u**ʔ] ou [tap**o**ʔ] / ta'pu/ ‘raiz’

No nível fonético, em shawã, ocorrem os seguintes ditongos **wi**, **wɨ**, **wa e ju**, **ji**, **ja e iw**, **ɨw**, **aw**, **uj**, **ɨj**, **aj**, **wi**, mostrando que há restrições de ocorrências de aproximantes e vogais, isto é, não podem ter o mesmo ponto de articulação (como ij, ji, wu, uw). Isto indica, para Souza (2012), que as aproximantes [w] e [j] são alofones das vogais [u] e [i]. Exemplos encontram-se em (20a-b). Outra evidência é que não há restrições de consoantes que podem ser combinadas a [w] e [j], podendo ter o mesmo ponto de articulação, como o exemplo (20c). (Souza, 2012).

(20) a. [ha'**ua**ʔ] ‘papagaio‘
b. [**ia**vi'ʃɨʔ] ‘tatu‘
c. [**pw**'iʔ] ‘fezes‘

De acordo com Souza (2012), os tipos silábicos em Shawã são CV, V, VC, CVC. A maioria das palavras não complexas são dissílabas e há raros monossílabos. Já as palavras com três sílabas ou mais podem ser derivadas ou com adição de afixos, sendo as segundas em maior número. O acento em shawãdawa (shawã) sempre recai na última sílaba.

A próxima seção será dedicada a uma comparação mais direta entre as três línguas descritas até aqui, seguida de uma seção com uma discussão sobre controvérsias e lacunas entre essas línguas.

3 Comparação entre as línguas

Loos (1999) afirma que as línguas da família Pano possuem muitas semelhanças entre si, consequência de uma herança geneticamente compartilhada. Apesar disto, muitas são as particularidades dessas línguas. Quanto ao inventário fonêmico, todas as línguas analisadas

possuem 4 vogais e 14-15 consoantes, exceto o jaminawa que possui 11 consoantes. Todas as línguas analisadas possuem em seus inventários as consoantes/p/, /k/ e /ts/ e as vogais /i/, /u/ e /a/. Nota-se que apenas o yawanawá não possui as consoantes /t/, /ɾ/, /s/ e apenas o jaminawa não possui a vogal /ɨ/. A consoante/β/ foi encontrada exclusivamente em yawanawá e a vogal /ɜ/exclusivamente em jaminawa.

Foi possível notar que as aproximantes [w] e [y] parecem fazer parte do inventário fonológico de algumas línguas, como é o caso do shanenawa, segundo Cândido (2004), e do noke koĩ (katukina), conforme Falchi e Aguiar (2015). Por outro lado, há línguas em que os glides não fazem parte da fonêmica da língua, como é o caso do shawãdawa (shawã), de acordo com Souza (2012). Além disso, há línguas em que a diferença entre aproximantes e vogais depende de sua posição silábica, como no jaminawa, segundo Cruvinel (2013) e no yawanawá, conforme Paula (2004) e Carmargo-Souza (2013).

No que diz respeito às codas silábicas, três das cinco línguas analisadas, a saber – shanenawa, noke koĩ (katukina) e shawãdawa (shawã) – não permitem sílabas finais leves, isto é, terminadas em vogal, e, portanto, utilizam a consoante oclusiva glotal [ʔ] no final das palavras. Porém, como não se trata de uma consoante responsável por distinção de significados na língua, não pertence aos inventários fonêmicos das línguas em questão.

Quanto à acentuação, o acento de intensidade sempre recai na última sílaba em todas as línguas analisadas, com exceção do Yawanawá, que segundo Carmargo-Souza (2013) leva em consideração o peso das sílabas na acentuação, isto é, se formam pés completos ou não.

4 Divergências e lacunas na literatura

Um dos aspectos em que foram encontradas divergências entre os autores dos trabalhos analisados é a nasalidade. Loos (1985 *apud* Aguiar 2003) defende que, na passagem do Protopano para as suas línguas filhas, houve apócope dos núcleos que sucediam /m/ e /n/, resultando em perdas silábicas, de modo que o traço de nasalidade dessas consoantes nasais fosse incorporado às vogais das sílabas que as sucediam nas línguas filhas. Isto significa que, segundo este autor, a nasalidade não é uma marca fonológica das vogais Pano.

Dito isto, os pesquisadores das línguas Pano podem posicionar-se em dois grupos no que diz respeito à nasalidade das vogais (Cândido, 2003; Souza, 2012). Um grupo defende que a nasalidade é uma característica fonêmica das vogais da língua em questão e o outro grupo, seguindo a hipótese genética do Protopano aqui mencionada, defende que se trata de um processo de espraiamento do traço de nasalidade a partir do contato entre uma vogal oral e uma consoante nasal (subjacente ou de superfície), não sendo, portanto, uma propriedade fonêmica das vogais.

É no segundo grupo que se encontram quase todos os trabalhos analisados na presente pesquisa: o jaminawa, de acordo com Souza (2017); o shanenawa, segundo Cândido (2004); o noke koĩ (katukina) segundo Falchi e Aguiar (2015) e o shawãdawa (Shawã), segundo Souza (2012). Já

com relação ao yawanawá, há uma divergência entre Paula (2004) e Carmargo-Souza (2013).

Paula (2004) defende que a nasalização do yawanawá é um fenômeno de assimilação regressiva, assim como afirma o segundo grupo de autores, conforme o exemplo (21).

(21) /uʃin/ [uˈʃĩ] 'vermelho'

Já Carmargo-Souza (2013) discorda destas generalizações em dois pontos. Primeiro, há casos que não podem ser explicados pelas regras da nasalização regressiva da coda para o núcleo, como em (22), em que se pode perceber que não há uma consoante nasal subjacente para que ocorra a nasalização da vogal antecedente, já que se trata de uma nasalidade interna à raíz.

(22) [ra.ˈtũ.ku] → 'joelho'

O segundo ponto de discordância dos autores, se dá no fato de Carmargo-Souza (2013) evidenciar que mesmo quando o espraiamento da nasalidade é comprovado, não há restrição na sílaba, quando é adicionado o sufixo aumentativo [wã], por exemplo. Em outras palavras, quando o sufixo aumentativo [wã] é acrescentado, ocorre a assimilação da vogal tônica ultrapassando o limite da sílaba e estendendo-se à sílaba seguinte, contrariando Paula (2004), como em (23a). Além disso, a autora mostra que o traço da nasalidade também se espraia para esquerda, indo além da fronteira silábica, em palavras simples, como (23b).

(23) a. [ku.ˈma] → [kũ.ˈmã.wã]
'nambu' 'nambu grande'
b. [kã.ˈmã] → 'cachorro'

Portanto, para Carmargo-Souza (2013), a nasalidade em yawanawá pode ser de dois tipos: i) fruto da assimilação regressiva do traço de nasalidade de uma consoante nasal que ocupa o ataque silábico seguinte (sendo uma sílaba latente ou não) e ii) de vogais nasais.

Outro ponto relevante é a importância da nasalidade na marcação do caso ergativo (sujeitos de verbos transitivos) nas línguas Pano. Trata-se de uma consoante nasal que é acrescentada na última sílaba das palavras que possuem ergativo. Conforme Souza (2017), no jaminawa, trata-se de uma consoante nasal sem ponto de articulação específico, que pode ser representado fonologicamente por /-N/, como em (24). Souza (2017) explica que a marca de ergatividade passa por um processo de harmonia vocálica, assimilando os traços da vogal presente na última sílaba dos nomes. Assim o sufixo de ergatividade em jaminawa é: /-n[V]/.

(24) a) ab**a-na** wasi-ø pi-a
capivara-ERG mato-ABS comer- PAS-PRF.RLS

'a capivara comeu mato'
b) mar**i-ni** padi-ø wa-a
maria-ERG rede-ABS fazer-PAS-PRF.RLS
'Maria fez uma rede'
c) ʃua**u-nu** pija-ø wa-a
João-ERG flecha-ABS fazer-PAS-PRF.RLS
'João fez a flecha'

Assim, uma vez que a nasalização nas línguas da família Pano é um fenômeno linguístico relevante, é evidente que mais pesquisas são necessárias para compreender de forma mais detalhada a nasalidade nas línguas Pano.

Ademais, outros temas de pesquisa foram citados como pouco explorados pelos autores dos trabalhos aqui apresentados, tais como: a descrição de consoantes nasais e vogais longas no jaminawa, a duração de vogais nasais no noke koĩ (Katukina) e a descrição de tons no yawanawá.

Conclusão

É importante destacar a escassez de trabalhos publicados em português de descrição de línguas indígenas de modo geral, sobretudo trabalhos sobre a descrição fonético-fonológica das línguas Pano faladas no Acre, o que limitou a comparação entre as línguas. Por conta disso, buscamos com este estudo motivar novas pesquisas na área.

Concluímos que, além de pertencerem a mesma família, uma das principais causas da similaridade fonético-fonológica dessas línguas estudadas advém do contato entre elas, uma vez que muitos desses povos compartilham dos mesmos territórios ou vivem em TIs próximas. É importante salientar que a similaridade das línguas, não descarta os aspectos particulares de cada uma delas.

Enfatizamos a necessidade de um estudo mais aprofundado, com maiores investigações, e, se possível, pesquisas de campo, para esclarecer a nasalidade e outros fenômenos linguísticos nas línguas da família Pano faladas no Acre apontados nesta pesquisa.

Referências

AGUIAR, Maria Suelí de. Línguas Páno e suas classificações em família. **Via Litterae**, v. 10, n. 1, p. 07-26, 2018.

_____. **Análise descritiva e teórica do katukina–pano**. 1994. 405 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1994.

_____. A nasalidade em Katukina e em outras línguas Pano. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 38, n.

4, p. 193-210, 2003.

BARROS, Luizete Guimarães. **A nasalização vocálica e fonologia introdutória à língua Katukina (Pano)**. 1987. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1987.

CARMARGO-SOUZA, Livia. **Fonologia, Morfologia e Sintaxe das Expressões Nominais em Yawanawá (Pano)**. Rio de Janeiro, 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

CÂNDIDO, Gláucia Vieira. **Descrição morfossintática da língua Shanenawa (Pano)**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

COMISSÃO PRÓ-INDÍGENAS DO ACRE. Disponível em: https://cpiacre.org.br/. Acesso em: 17 set. 2026.

CRUVINEL, Agmar Alves. **Fonética e fonologia do Jaminawa do Brasil (pano)**. 2013. 93 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

FALCHI, Flávia Leonel; AGUIAR, Maria Suelí de. **Fonêmica Preliminar da Língua Katukina (Páno)**. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 63., 2011, Goiânia. Anais... Goiânia: SBPC, 2011. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibic/trabalhos/FLAVIA_L.PDF. Acesso em: 17 set. 2026.

LOOS, Eugene. Pano. In: DIXON, R.M.; AIKHENVALD, Alexandra, Y (eds). **The Amazonian Languages. Cambridge**: CUP, p. 227-250, 1999.

MATOS, Marcos de Almeida. A Comissão Pró-Índio do Acre e as línguas acreanas. **Revista Moara**, n.32, p.87-107, 2009.

PAULA, Aldir Santos de. **A língua dos índios Yawanawa do Acre**. 2004. 302 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2004.

POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. Disponível: https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 07 julho 2025.

PROJETO DE DOCUMENTAÇÃO DE LÍNGUAS INDÍGENAS. Disponível em: https://prodoclin.museudoindio.gov.br/. Acesso em: 16 set 2026.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. A originalidade das línguas indígenas brasileiras. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, 9(1), 187–195, 2018.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **História do Acre: novos temas, novas abordagem**. Rio Branco: Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos, da Cultura e do Desporto, 2002.

SOUZA, Emerson Carvalho de. **Aspectos de uma gramática Shawã (Pano)**. 2012. 154 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SOUZA, Shelton Lima de. **Povo e língua Jaminawa (variedade de Kayapucá)**: da realidade social às formas linguísticas e às categorias Aspecto-temporal, Modo e Negação / Shelton Lima de Souza. – Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2017.